



Apresentação Presentation

Moisés Romanazzi TÔRRES¹

É com grande satisfação que apresento o volume 16 da Revista *Mirabilia, A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média*. Um período tão profícuo da História da Filosofia como foi o medieval, naturalmente atrai a atenção dos estudiosos em Filosofia e áreas afins. Destarte, não poderíamos deixar de contemplá-lo com um número temático. No entanto, seu início foi modesto. Do alvorecer da filosofia medieval até o apogeu escolástico foi apenas um longo processo, desenvolvido numa crescente, que fez com que a razão acabasse por triunfar em férteis escolas de pensamento e numa miríade de brilhantismos individuais, perante o saber sacral e simbólico. Processo este que, nas linhas que seguem, procuro desenvolver apenas em sua essência.

A Alta Idade Média, fundamentada no ensino monástico e no pensamento platônico, viveu de individualidades filosóficas, destacando-se as figuras fundamentais de Boécio e de João Escoto Erígena. Contudo, a estrutura escolar, erguida, sobretudo, na Época Carolíngia, serviu de base a todo o desenvolvimento posterior.

O século XI, de fato, herda da Alta Idade Média a rede de escolas estabelecida nos mosteiros e o seu sistema de ensino, mas este tem agora uma característica nova: o desenvolvimento decisivo do *Trivium* e do *Quadrivium* e, muito especialmente, da dialética, alimentada pela leitura do *Organon* de Aristóteles.

¹ Professor da Universidade Federal de São João Del-Rey. E-mail: m.romanazzi@ig.com.br



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Século rico de individualidades, de Berengário de Tours a Pedro Damiano e principalmente Santo Anselmo, foi, como sublinha Alain De Libera, no seu viés filosófico, sobretudo um século de teólogos versados nas artes da linguagem, ocupados em valorizar a profundidade e a complexidade das relações entre as coisas, os pensamentos e as palavras, que redescobrem Aristóteles e conseguem extrair toda uma nova especulação dos fragmentos lógicos então disponíveis.²

O século XII, marcado pelo desenvolvimento urbano, gerou então um ambiente mais favorável à expansão das escolas e ao engrandecimento intelectual. Mediante diversas circunstâncias favoráveis e mesmo determinantes, observa-se a partir de então, ao lado das escolas monásticas, fundamentalmente dois tipos de escolas surgidas no meio urbano: as canônicas e episcopais e as laicas.

As escolas eclesiásticas urbanas eram geralmente confiadas ao capítulo da catedral ou das grandes igrejas. Nelas, o *Trivium* e o *Quadrivium* florescem em formas diversas, alimentados pela penetração no Ocidente do pensamento greco-árabe e, sobretudo, pelo conhecimento completo da obra lógica de Aristóteles. Eis então o brilhantismo das escolas chartrianas e parisienses, onde desponta nomes como os de Gilberto de la Porée, João de Salisbury e Pedro Abelardo, salientando-se apenas um dos casos mais significativos.³

As escolas laicas eram geralmente fundadas pelos conselhos urbanos ou por associações profissionais e visavam o ensino dos filhos do grupo social emergente dos grandes mercadores. Com tal objetivo, limitavam-se a um ensino bastante elementar, via de regra, ao ler, escrever e contar. Entretanto, passam elas, principalmente no último quartel do século, a receber os mestres clérigos das escolas eclesiásticas que, favorecidos pelas licenças de ensino, conseguem escapar ao contexto episcopal e procedem à transmissão do desenvolvimento intelectual baseado na lógica aristotélica para as escolas laicas.

² DE LIBERA, Alain. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 282.

³ Para um estudo da Escola de Chartres, ver COSTA, Ricardo da. “A verdade é a medida eterna das coisas: a divindade no *Tratado da Obra dos Seis Dias*, de Teodorico de Chartres (†c.1155)”. In: ZIERER, Adriana (org.). *Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares*. UFMA, 2010, p. 263-281. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/verdade-e-medida-eterna-das-coisas-divindade-no-tratado-da-obra-dos-seis-dias-de-teodorico-de>



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Tal processo permitiu que, principalmente na virada do século XII para o XIII, fosse a partir dessas escolas laicas e não das eclesiásticas que surgissem, em alguns centros (Bolonha, Paris, Oxford), as primeiras universidades.

No meio universitário do século XIII a escolástica evolui enquanto método e escola filosófica. Enriquecida pelo conhecimento do *corpus* aristotélico (além de sua lógica, sua física, metafísica, ética e política) próprio ou comentado (a tradição árabe), mas sem relegar a Bíblia, os Padres e Platão, desenvolve ela, em seus procedimentos próprios de exposição (*lectio, quaestio, disputatio, quodlibet*), a *ratio fidei illustrata*, colocando em prática o convite, implícito nas Escrituras, que leva o cristão a esclarecer sua fé.

Seus frutos são então visíveis. Este é o século da grande síntese tomista, mas também da mística franciscana de São Boaventura, sem falar do movimento averroísta (Sigério Brabante e Boécio da Dácia) e do nascimento da escola dominicana alemã com Santo Alberto Magno. Enfim, como comenta Etienne Gilson, estabelecem-se construções filosóficas vigorosas que, ainda hoje, cada uma em sua ordem e seu nível, povoam-se com fecundos temas de meditação.⁴

O fim da Idade Média é inicialmente marcado pela aristocratização e senhoralização do meio universitário, o que produz a decadência do ensino, mas não impede o surgimento de brilhantes individualidades, especialmente vindas do Reino da Inglaterra e enquanto uma frente contestatória à escolástica parisiense, como são os casos de Duns Scot e de Guilherme de Ockham.

Contudo, posteriormente, uma nítida decadência da própria escolástica permitiu a ascensão do Humanismo, o que, ao menos nos seus primeiros tempos, longe de ser o despertar de um novo horizonte para as leis da razão e os argumentos da lógica, veio a se caracterizar enquanto um recuo perante o desenvolvimento intelectual e racional dos séculos anteriores.

Com efeito, como sustenta Alexandre Koyré, o Renascimento, enquanto época interparadigmática, foi um dos períodos históricos menos dotados de espírito crítico que o mundo conheceu, tempos de profunda e grosseira superstição, pois, despidos de física, de ontologia e de qualquer outro critério

⁴ GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.734.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

confiável para a determinação da verdade, a crença na magia pode então se expandir vertiginosamente, sensivelmente mais que em qualquer momento da Idade Média.⁵

Tendo por base trajetória tão grandiosa, muitos articulistas dedicaram-se a estudar temas mais genéricos ou mais específicos, compondo no seu conjunto uma significativa amostragem do que foi a grandeza da Filosofia Monástica e Escolástica. Este é bem o caso dos seguintes artigos do presente volume da *Mirabilia*.

Rui de Oliveira Andrade Filho e João Paulo Charrone, a partir de uma reflexão sobre o conceito de santidade e de santo medieval, estudam os modelos de santidade presentes nas hagiografias de Venâncius Fortunatus. Trata-se de dois modelos principais. O modelo ascético-monástico, presentes nas hagiografias dedicadas a Paterno e a Radegunda. Contudo, suas hagiografias apresentam normalmente o modelo de santidade episcopal, onde a santidade e a virtude milagrosa aparece como condição e característica do cargo.

Álvaro Alfredo Bragança Junior e Christiane de Resende Marques enfocam o conteúdo filosófico da obra de Rosvita Von Gandersheim (século X), tida como a anterioridade da *magistra bingenis* (Hildegarda Von Bingen – século XII), destacando especialmente o conceito de martírio, desenvolvido então com o intento de constituir um elemento fundamental na solidificação das virtudes cristãs.

Maria Simone Marinho Nogueira, analisando o *Didascálicon* de Hugo de São Vítor, estabelece a reflexão sobre algumas normas desenvolvidas nessa obra, com a intenção de mostrar que elas, ultrapassando a ideia de uma mera normatividade, se revestem de uma verdadeira disciplina moral.

Terezinha de Oliveira e Rita de Cássia Pizoli, por sua vez, estudam, em Bernardo de Claraval, o conceito de contemplação e sua relação com a educação monástica. Destacando principalmente sua visão, humanista cristã e de valorização do conhecimento interior, que, por meio de seus sermões, visa à prática social e a reforma eclesial, em proposições de valores como os da fé

⁵ KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991, pp. 47 e 48.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

e amor autênticos, consciência de si, gosto pela pureza espiritual e a reafirmação da figura humana como imagem e semelhança de Deus. Por fim, numa reflexão específica sobre o *Sermão sobre a Vigília do Natal*, estudam a tese da devoção à humanidade de Jesus enquanto base teológica da ascese que conduz, pela via da contemplação, a unidade entre afetividade e razão.

José Maria Salvador González trata, no *Itinerarium Mentis in Deum* de São Boaventura, dos dois primeiros graus que formam a sua “estética imanente”, com o intuito de mostrar os reflexos que elas poderiam ter tido na iconografia de alguns afrescos pintados na basílica de São Francisco de Assis.

Silvia Magnavacca, por sua vez, desenvolve uma reflexão possível sobre o papel da sensualidade no pensamento de Santo Agostinho a partir de uma obra de arte medieval: o conjunto de tapeçarias conhecido como "A Dama e o Unicórnio" do Museu Nacional da Idade Média em Paris. Para tanto, inicialmente, lembra o projeto da obra, observando também as principais interpretações de que ela foi objeto. Em segundo lugar, com base na simbologia da Idade Média, descreve e analisa cada um das seis tapeçarias que, de acordo com a interpretação tradicional, representam os sentidos externos, reservando-se para o fim a análise da sexta, a tapeçaria enigmática. Em terceiro lugar, refere-se também a outras partes do Livro X das *Confissões*, centradas no *Sero Amavi*, destacando alguns pontos do pensamento de Agostinho que parecem concordar com uma variante na interpretação tradicional dessas tapeçarias. Finalmente, resume suas conclusões, enfatizando o caráter de mero exercício de interpretação hermenêutica de seu trabalho.

Ivanaldo Santos estuda a linguagem na Escolástica Medieval, dando especial enfoque para o seu problema na obra de Santo Tomás de Aquino e salientando o papel introdutório dos debates medievais em questões que, séculos depois, nortearam a Modernidade como, por exemplo, o Método, a Lógica e a Linguagem.

José D'Assunção Barros analisa a unidade e a diversidade interna da Escolástica, estabelecendo uma comparação com aspectos do desenvolvimento histórico-social de sua época, como a relação entre a Escolástica e a Universidade, bem como a correspondência entre as transformações que se deram no interior do pensamento escolástico e as que



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16* (2013/1)

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

acompanharam os processos históricos, desde a expansão feudal (séculos XI ao XIII) à crise do feudalismo dos séculos XIV e XV.

João Eduardo Pinto Basto Lupi trata então do método de argumentação empregado na Escolástica, procurando tecer um panorama que vai dos seus primórdios helênicos à escolástica medieval quando, apropriando-se dos modos de argumentação previamente desenvolvidos, constitui-se, em uma formatação própria, os princípios que instituíam a Filosofia e a Teologia enquanto ciências.

Luís Artoga desenvolve certos aspectos do pensamento filosófico de Averróis no sentido de estabelecer sua opinião acerca da possibilidade de ocorrência de eventos sobrenaturais, assim como suas consequências com respeito à relação que, segundo ele, se deveria estabelecer entre filosofia e religião.

Guilherme Wyllie, por sua vez, apresenta-nos uma exposição panorâmica da *Logica Vetus*, procurando caracterizar e contextualizar as principais contribuições dos lógicos mais expressivos do período em questão.

Por conta da diversidade temática do presente número, incluímos artigos, correlacionados a temas e estudos filosóficos, que tratam de assuntos em História Cultural e mesmo em História Político-Jurídica da Idade Média. Eis então os seguintes trabalhos:

Adriana Zierer e **Solange Pereira Oliveira** estudam *A Visão de Túndalo*, um relato de viagens imaginárias, de autoria anônima, do século XII. Tal relato oferece uma descrição simbólica do Paraíso no Além, onde o cavaleiro Túndalo, guiado por um anjo, percorre as diferentes moradas do Reino Celestial, encontrando por lá as almas justas dotadas de virtudes cristãs (Muro de Prata, de Ouro e de Pedras Preciosas). Procuram então relacionar o relato aos modelos de comportamento ideais, divulgados pela Igreja Católica de então, enquanto condição de merecimento e desfrute das maravilhas de cada um dos espaços da salvação eterna no Paraíso Celestial.

Renata Cristina de Souza Nascimento analisa as narrativas sobre as exéquias fúnebres ocorridas no Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Batalha) no século XV compreendendo-as como representações de poder.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Por fim, **Jaime Estevão dos Reis** discute a legislação vigente nos territórios da Coroa de Castela no início do reinado de Afonso X, *o Sábio* (1252-1284), abordando principalmente seu projeto de unificação jurídica dos vários códigos existentes nos territórios de Castela.

Contamos ainda com a resenha do *Libro de los Correlativos (Liber Correlativorum Innatorum)*, datado de 1310, do filósofo catalão Raimundo Lull (séculos XIII e XIV).

Boa leitura a todos!